

Moçambique: tudo contra a Renamo

O CLIMA de apaziguamento que se está a instalar nas relações entre Moçambique e a África do Sul faz parte de uma **estratégia global** que Maputo delineou como forma de acelerar a criação de condições que a prazo conduzam ao **enfraquecimento** e à **própria neutralização** da Renamo.

Esta estratégia, decisivamente influenciada pelo próprio presidente **Joaquim Chissano**, prevê que como contrapartida de uma efectiva e completa cessação do apoio da África do Sul à Renamo, Maputo venha a eliminar todos os focos geradores da desconfiança de Pretória (**ANC, influências soviéticas, sistema político**).

Em do fim do apoio sul-africano à Renamo, a estratégia de Maputo contempla um **desdobramento**: o desencadeamento de acções específicas destinadas a minar a coesão dos rebeldes, nomeadamente através da «recuperação» de elementos preponderantes da sua ala política e da introdução de factores de perturbação na sua estrutura militar.

1. ÁFRICA DO SUL — Joaquim Chissano e **Pieter Botha** vão encontrar-se em breve.

Uma mensagem de Joaquim Chissano, na qual o encontro era formalmente proposto, foi entregue em 27 de Abril ao presidente sul-africano pelo ministro **Jacinto Veloso**. Botha respondeu de forma descrita como «calorosa».

Já depois da fixação do plano com vista à cimeira, foi reactivada a **Comissão Conjunta de Segurança**, criada pelo Acordo de Incomati, mas praticamente desactivada desde 1985. Esta Comissão tem sobretudo a função de prevenir e/ou averiguar actos de intromissão de um dos dois países no outro, no plano de questões estritamente relacionadas com a segurança (ANC e Renamo).

A oportunidade da reactivação da Comissão — em que estiveram envolvidos os CEM's os generais **Tobias Dai** e **Liegenerais Tobias Dai** e **Liebenberg** — foi aproveitada também para dar um impulso a planos que visam garantir uma assistência da África do Sul na constituição de uma força moçambicana para as linhas de **Cahora-Bassa**.

Na sua mensagem para Botha, o presidente moçam-

bicano dava também conta da receptividade do seu país a projectos destinados a intensificar as relações económicas. **Galvin Relly**, presidente do grupo sul-africano **Anglo-American**, esteve algum tempo depois em Maputo com propostas de investimento no sector mineiro.

Esta normalização com Pretória, que «África Confidencial» previu em Março (AC n.º 24, pág. 15), está igualmente a passar por um significativo abrandamento da **hostilidade** da imprensa oficial moçambicana em relação à África do Sul. O mesmo fenómeno é constatável no discurso oficial.

Dois factores essenciais estão na origem desta mudança: uma crescente ascensão da **corrente moderada** da Frelimo (por contraponto com a contínua perda da influência da ala ortodoxa) e pressões dos **países ocidentais** sobre Moçambique no sentido de criar e consolidar um clima de boa vizinhança com a África do Sul, de modo a comprometer-lha no processo de paz.

Não há nenhuma dúvida de que a África do Sul, nos últimos anos, através dos seus canais militares, nunca deixou de providenciar à Renamo um apoio que lhe é **vital** (AC n.º 24, pág. 10). Recentemente, numa conversa em Lisboa com o seu colega português, o CEMGFA sul-africano, general **Jannie Geldenhuys**, foi evasivo (nem sim nem não) quando o seu interlocutor introduziu a questão.

No conjunto dos países ocidentais que têm pressionado Maputo a fomentar um genuíno clima de entendimento com a África do Sul, avultam os Estados Unidos.

Charles Freeman, secretário de Estado adjunto para os Assuntos Africanos, encorajou recentemente Chissano, em Maputo, a levar por diante a sua política, «porque só a África do Sul pode ter um **papel decisivo** na regulação do conflito moçambicano».

2. ABERTURA POLÍTICA — Há informações credíveis segundo as quais as autoridades sul-africanas estão finalmente a acreditar na «**honestidade de propósitos**» de Moçambique

no que toca às mudanças já introduzidas e a introduzir na sua política. A hierarquia militar sul-africana avaliou sempre essas mudanças como um **bluff** e isso explica, no fundo, a duplicidade a que nunca deixou de obedecer a política de Pretória (diálogo com Maputo, apoio à Renamo).

Para a mudança de atitude à África do Sul contribuíram não só algumas constatações consideradas «convincentes» no que diz respeito aos novos rumos da política moçambicana, como, também, pressões dos países ocidentais. Os Estados Unidos, em especial, têm constantemente feito sentir a Pretória que o fim da guerra em Moçambique criará **condições ideais** para o declínio das actuais influências dos países comunistas.

Em círculos privados, responsáveis sul-africanos têm comentado favoravelmente mudanças operadas no governo e no aparelho da Frelimo, que levaram ao afastamento de figuras por eles consideradas «indesejáveis».

Pretória está igualmente na expectativa quanto à revisão da constituição moçambicana.

Sabe-se que o texto perderá a sua actual **carga ideológica** e que atenuará o carácter **monolítico** da Frelimo.

3. RENAMO — Em conjugação com os seus esforços com vista a estabelecer uma política de «coexistência pacífica e cooperante» com a África do Sul — cujo fim último é, de facto, levar Pretória a reconsiderar o seu apoio à Renamo, Maputo, através da sua política secreta, o **SNASP**, esquematizou uma série de acções tendentes a minar a **coesão** da Renamo.

Entre estas acções sobressaem planos para estimular na estrutura militar da Renamo actos de **rebelião** contra o presidente **Afonso Dhlakama**. Há informações seguras de que estão a surgir fenómenos destes na Zambézia, embora o seu animador, **Gimo M'Piri**, que entretanto se autonomizou e passou a considerar as suas forças fazendo parte de um novo movimento, a **UNAMO**, negue estar a agir em articulação com Maputo.

O interesse do governo de

Moçambique em instabilizar prioritariamente o conjunto das forças da Renamo na província da **Zambézia** é o de fixar uma «cunha» entre as zonas de implantação dos rebeldes no Sul e Norte do território. A Zambézia é a província mais central de Moçambique, a mais rica e também quase a única que corresponde a uma unidade étnica.

Igualmente muito persistentes estão a revelar-se os esforços do SNASP tendo em vista «recuperar» **quadros políticos** da Renamo, quase todos baseados no estrangeiro (Portugal e Alemanha Federal, nomeadamente). Tais esforços são igualmente dirigidos a dissidentes da Frelimo e outros opositores, sem ligações à Renamo. Há informações absolutamente credíveis que um dos principais alvos destes esforços é o secretário da Renamo para as Relações Externas, **Artur Janeiro da Fonseca**.

Responsáveis moçambicanos têm comentado em privado que a chamada política de **clémencia** da Frelimo não produziu os resultados inicialmente esperados. Até agora só um grupo da Renamo se entregou na região dos **Namarrais**. Isto também explica o lançamento de medidas activas destinadas a obter os resultados não alcançados com a política de clémencia.

Mais bem sucedida foi a exploração feita por Maputo à volta de atrocidades cometidas pela Renamo contra a população civil. O objectivo foi o de dar aos rebeldes a imagem de uma organização **terrorista e impiedosa** — embora imputando-lhe factos de duvidosa autoria. A verdade, no entanto, é que ultimamente se tem notado uma crescente inibição da população em aderir à Renamo.

De resto, este fenómeno criou à Renamo dificuldades de recrutamento que têm estado a ser torneadas através de operações de **rapto** da população. A última, conhecida, foi contra um centro de treino de professores em **Marrare** (a 8 quilómetros de Nampula) de onde foram raptados 30 estudantes. Nestas acções de rapto tem sido notada a observância de critérios de selectividade não conhecidos anteriormente.